

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS – DCJUR  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BAIANOS REGIONAIS – KÀWÉ

III Encontro de Pesquisa e Extensão sobre Direitos Humanos  
I Quarta da Consciência Negra  
28 de novembro de 2012

Mesa redonda:

Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa no Sul da Bahia.

Dr. Cleifson Dias Pereira<sup>1</sup>

Prof. MSc. Ruy Póvoas<sup>2</sup>

Representantes dos movimentos culturais e sociais negros da Região.

Cordiais saudações aos organizadores da mesa,

À Prof.<sup>a</sup> Saskya Miranda Lopes, pelo honroso convite,

Ao Dr. Cleifson Dias Pereira,

A todos que estão presentes.

Aqui estamos para discutir a questão *Combate ao racismo e à intolerância religiosa no Sul da Bahia*. Na verdade, teríamos de focalizar um território oficialmente denominado de Quinto Território de Identidade, Litoral Sul, que abrange os municípios de Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Camacã, Canavieiras, Coaraci, Floresta Azul, Ibicaraí, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itapé, Itapitanga, Jussari, Maraú, Mascote, Pau Brasil, Santa Luzia, São José da Vitória, Ubaitaba, Una, Uruçuca. Compreendemos que tal área está também compreendida no território de abrangência da UESC. De saída, damo-nos conta da necessidade de estudos e pesquisas, para que possamos lidar com dados estatísticos confiáveis, a fim de que se possa abarcar a questão em debate, com realismo, propriedade e cientificidade.

Imediatamente, também nos damos conta da necessidade de uma compreensão mais acurada do termo *combate*. Afinal, o que é COMBATE? Vem do verbo latino *combattĕre*, que adquiriu significados diversos com o passar do tempo. Para o recorte que tencionamos fazer, fiquemos apenas com

---

<sup>1</sup> Coordenador da Rede de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa no Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Pesquisador do Kàwé – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, Mestre em letras Vernáculas (UFRJ), Escritor e Poeta, Membro da Academia de Letras de Ilhéus e membro fundador da Academia de Letras de Itabuna, Babalorixá do Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, Itabuna.

um deles: inquietação moral, metáfora para as dificuldades, para os desafios que se precisa enfrentar. E os aludidos desafios, aqui, se prendem a *racismo* e *intolerância*, como querem os organizadores desta mesa.

RACISMO, em seu estado de dicionário, nos remete a tratamento desigual e injusto ou violência contra pessoas que pertencem a grupo, etnia, cultura etc. diferentes. Por sua vez INTOLERÂNCIA alude à atitude agressiva ou repressora para com as diferenças de outrem relativamente à etnia, crença, opinião, modo de vida etc. Vemos, então, que estamos às voltas com questões que perpassam pelo imaginário, pelas ideologias, por posturas de interpretação do universo e da vida. E as margens se alargam para abarcar os vieses de educação, economia, política, religião e até mesmo linguagem.

O campo é muito vasto e exige estudos interdisciplinares para que se possa traçar um perfil o mais próximo possível da realidade, tendo em vista, volto a frisar, a área geográfica a ser examinada e a ausência de dados que permitam tal empreitada. Daí, a necessidade de recortes. E aqui faremos apenas um: a formação e atuação de um grupo de estudiosos e pesquisadores, que desde 1996, busca construir o conhecimento sobre o negro no território de abrangência da UESC. Não ignoramos a ação de vários outros grupos organizados, a exemplo do Movimento Negro. A nossa intenção aqui, no entanto, é examinar a questão do ponto de vista da ação do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – Kàwé, ligado ao Departamento de Letras e Artes, da UESC.

Foi o *combate* que se fez chamariz, para que o grupo se formasse. E o *combate* haveria de ser pela via da construção do conhecimento acadêmico. Assim, surgiu o KÀWÉ – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, um espaço que existe desde 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre questões atinentes à africanidade no território de abrangência da UESC e aproximar a Universidade das comunidades afrodescendentes, para contribuir com o rompimento das dicotomias avassaladoras entre segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo tem desenvolvido suas atividades através de uma pluralidade de ações, que se materializam em pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas abertas, palestras, encontros e exposições, que permitam abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ têm gerado conhecimentos que possibilitam produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, cedês, artigos, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além de publicação de livros e da *Revista Kàwé*. Para que melhor se entenda o alcance de tudo isso, basta lembrar que, enquanto a UESC desativou a sua revista *Especiaria*, o Kàwé vem publicando sua revista, que é distribuída na região, em vários Estados e também no exterior. A revista busca alcançar um público amplo e diversificado, tratando de assuntos pertinentes à construção do conhecimento sobre o negro na Região. Já temos seis livros publicados, mais um no prelo e mais dois outros em fase de escrituração.

O Núcleo realiza, no mínimo, quatro aulas abertas por ano, para as quais são convidadas autoridades em assuntos que se faz necessário discutir ou debater, Mantemos um *link* no *site* da UESC que também remete a resultados (ainda provisórios) resultantes do *Projeto de mapeamento de terreiros da Bacia do Leste*, coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Valéria Amim e financiado pela FAPESB. A equipe componente do Kàwé conta atualmente com dez pesquisadores, dos quais três estão em fase de douramento, todos estudando e pesquisando temas pertinentes com os objetivos do Núcleo. Conta ainda a equipe com seis estagiários em suas várias categorias.

Outras realizações podem ainda ser apontadas, ao longo dos 16 anos de atividades do Núcleo:

- três *Encontros com África*, sendo o primeiro de caráter internacional;
- artigos diversos publicados em diversas revistas de outras instituições;
- parceria com o Núcleo de Estudos da UESB, *campus* de Jequié, realizando seminários e debates em conjunto;
- desenvolvimento de cinco projetos de pesquisa que se completaram;
- publicação de um número especial da *Revista Kàwé*;
- participação efetiva em atividades congêneres, em vários outros Núcleos de Estudo, em vários Estados;
- encontros com comunidades religiosas de matriz africana;
- várias exposições de acervo fotográfico resultantes do desenvolvimento de estudos e pesquisas;

- parceria com diversos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros que formam uma rede nacional de mais de 70 Núcleos.

Para além disso nossa equipe é registrada no CNPq enquanto grupo de pesquisadores do Projeto Kàwé.

Há, no entanto, quem pergunte: “O que tem a ver este pretense relato com o combate ao racismo e à intolerância religiosa no Sul da Bahia?” Retomemos aqueles conteúdos semânticos embutidos nos lexemas *racismo* e *intolerância*, abordados mais acima. Foi justamente o tratamento desigual e injusto e também a violência contra pessoas que pertencem a grupo, etnia, ou cultura diferentes, o que mais desafiou o grupo que criou o Kàwé. A realidade regional cobrava uma atitude ética e moral, na tentativa de reverter o quadro que se apresentava. Acontece que a nossa Região, ao longo do tempo, construiu uma sociedade baseada em exclusão, autoritarismo e elitismo, onde se veiculou o racismo e a intolerância, ora ostensivos, ora disfarçados. O saber e a prática religiosa de comunidades afrodescendentes sempre foram tidas como algo folclórico, ou mesmo condenável. Isso fez tal conhecimento ficar à margem dos enfoques acadêmicos.

Os objetivos do Kàwé, então, chocaram-se de frente com tais posturas ideológicas, e seus estudiosos passaram a ser alvo de deboches. Era comum ouvir: “Você também faz parte do terreiro do Kàwé?” E *terreiro* aí tem a carga semântica do racismo e da intolerância religiosa. Os funcionários da UESC costumam celebrar culto ecumênico no final do ano. Já se tornou prática eu ser convidado para fazer parte, juntamente com representantes de outras correntes religiosas. Numa das vezes, uma diretora de departamento, chegou atrasada ao culto. E não sabendo que estava rodeada por pessoas de terreiro, a diretora perguntou a uma colega: “A sessão de macumba já começou?” É a palavra *macumba*, completamente descontextualizada, empregada a título de zombaria e menosprezo, o indicativo da intolerância. O meu livro de contos *Itan dos mais velhos*, premiado pela Academia de Letras da Bahia, editado pela própria UESC, chegou a ser proibido em um dos colégios de Itabuna, porque o professor Ruy representava as “forças do atraso.” E a coordenadora que fez isso, atualmente, é nossa amiga, visita o Kàwé e visita o terreiro.

Se intolerância religiosa é uma atitude agressiva ou repressora para com as diferenças de outrem relativamente a etnia, crença, opinião, modo de vida

etc., o próprio Núcleo tem sido também alvo predileto por parte de muitos. Lentamente, no entanto, mudanças vão se fazendo, atitudes vão se renovando, o espírito humano vai se arejando nesse sentido, na nossa Região. Na verdade, o Núcleo surgiu e se desenvolveu justamente para esse enfrentamento que se concretiza em vários combates.

O oposto também tem acontecido. Recentemente, no dia 18 deste novembro, a Academia de Letras de Itabuna – ALITA promoveu a celebração do *Dia da Consciência Negra*. O evento não seria inusitado se a ALITA não o tivesse realizado em parceria com um terreiro de candomblé. Temos no prelo um livro organizado pelo Kàwé em que um grupo internacional, formado por dez estudiosos e pesquisadores, se debruçou sobre a temática da escravidão, a partir da figura marcante de uma negra, oriunda de Ilexá, na África, que viveu no Engenho de Santana em Ilhéus.

Atitudes, ações e posturas como essas nos levam a crer que estamos em *combate*, sim. E a esse respeito, lembro as palavras do Apóstolo Paulo: “Combati o bom combate.” É justamente isso que vale a pena: combater o bom combate. E do ponto de vista da Universidade, o Kàwé tem feito isso num conjunto de ações diversas e diversificadas. Em tal percurso, não raro, somos obrigados a rodear diversas montanhas, na impossibilidade de escalá-las. Também temos feito muitos túneis.

Evidentemente, essa trajetória do Kàwé também tem suas implicações O rompimento é uma delas. E como não poderia deixar de acontecer, aqui e agora, por isso mesmo, também revisito os caminhos da poesia. Na lembrança, meu poema *Rompimento*:

A criatura se foi?  
Ora, bem...  
Sinal de que o resto  
pode passar também.  
Não se passa  
sem o mundo todo,  
mas sem uma banda  
do mundo,  
a gente passa  
muito bem...

Por fim, porque a temática desta mesa é combate, lembro-me de Gonçalves Dias em seu poema *Canção do tamoio*:

[...] a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos  
Só pode exaltar.

A todos agradeço sinceramente, ao tempo em que deixo o convite para que visitem o Kàwé e acompanham seu combate ao racismo e à intolerância no território de abrangência da UESC.

Ruy Póvoas  
UESC, 28/11/2012